

NA CAMA COM UM HIGHLANDER

MAYA BANKS

NA CAMA COM
UM HIGHLANDER

Tradução de
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

CAPÍTULO 1

Mairin Stuart ajoelhou-se no chão de pedra, ao lado do estrado onde dormia e inclinou a cabeça, para a sua oração da noite. A mão dela deslizou até à pequena cruz de madeira que trazia pendurada num pedaço de pele que usava ao pescoço e afagou, com o polegar, o caminho familiar da superfície que era agora lisa.

Murmurou as palavras que recitava desde a infância, ao longo de vários minutos, e terminou como fazia sempre.

Por favor, meu Deus. Não permitas que eles me encontrem.

Levantou-se com esforço, com os joelhos a rasparem nas pedras irregulares. O hábito castanho simples que envergava marcava a sua posição junto das restantes noviças, mas encontrava-se ali há muito mais tempo do que as outras, sem nunca ter proferido os votos que completariam a sua jornada espiritual. Nunca tivera essa intenção.

Dirigiu-se à bacia que se encontrava no canto e verteu água do cântaro. Quando molhou o pano do banho, sorriu. Vieram-lhe à mente as palavras da madre Serenity. «A limpeza está próxima da divindade.»

Secou o rosto e começou a despir o hábito, para prosseguir com a sua higiene, quando ouviu um estrondo terrível. Perplexa, deixou cair o pano, voltou-se e fitou a porta fechada. A seguir, abriu rapidamente a porta e correu para o corredor, pronta para agir.

À sua volta, as outras freiras enchiam o corredor, num burburinho sumido que ia aumentando de volume. Um grito proveniente da entrada ecoou pelo corredor. Ao grito seguiu-se um bramido de dor e o coração de Mairin congelou. A madre Serenity.

Mairin e as restantes irmãs correram na direção do som. Algumas ficavam para trás, ao passo que as outras se impeliam para a frente com determinação. Quando chegaram à capela, Mairin deteve-se, paralisada por aquilo que viu.

Havia guerreiros por todo o lado. Ali estavam pelo menos vinte, todos equipados para uma batalha, as caras por lavar, os cabelos e as roupas encharcados de suor. Mas não viu sangue. Eles não tinham vindo pedir refúgio ou ajuda. O chefe tinha a madre Serenity presa pelo braço e, apesar da distância, Mairin percebia que a superiora revelava uma expressão de pânico no rosto.

— Onde está ela? — perguntou o homem, numa voz fria.

Mairin deu um passo atrás. Tratava-se de um indivíduo com uma aparência feroz. Mau. Tinha raiva espelhada nos olhos, como se fosse uma cobra à espera para atacar.

Não obtendo resposta da madre Serenity, ele abanou-a e ela estremeceu, como se fosse uma boneca de trapos.

Mairin fez o sinal da cruz e sussurrou uma prece urgente. As freiras que se encontravam à sua volta formaram um círculo fechado e também disseram as suas orações.

— Ela não está aqui — respondeu a madre Serenity com dificuldade. — Já vos disse que a mulher que procuram não está aqui.

— Estás a mentir — rugiu ele.

Olhou na direção do grupo de freiras e lançou um olhar cintilante e frio.

— A Mairin Stuart. Diz-me onde está ela.

Mairin ficou fria, o medo revolvia-lhe o estômago. Como a tinha encontrado? Depois de tanto tempo. O seu pesadelo não terminara. Na verdade, estava apenas a começar.

As mãos dela tremiam tanto que teve de as esconder nas pregas do hábito. O suor acumulava-se-lhe no sobrolho e as entranhas dela revolviam-se. Engoliu em seco e tentou evitar vomitar.

Como não obtinha qualquer resposta, o homem sorriu e Mairin sentiu um arrepio na espinha. Ele continuou a olhar para elas e ergueu o braço da madre Serenity para que toda a gente o visse. De forma insensível, dobrou-lhe o dedo indicador até que Mairin ouviu o estalido produzido pelo osso.

Uma das freiras guinchou e correu para a frente, mas um dos soldados prendeu-lhe as mãos atrás das costas. As outras freiras sustentaram a respiração perante aquela atitude ousada.

— Esta é a casa de Deus — disse a madre Serenity num tom de voz agudo. — Trazer violência a terreno sagrado é um grande pecado.

— Cala-te, velha — ripostou ele. — Diz-me onde está a Mairin Stuart ou eu mato-vos a todas.

Mairin susteve a respiração e cerrou os punhos. Acreditava nele. Havia demasiado mal, demasiado desespero nos olhos dele. Ele fora enviado pelo diabo para cumprir uma tarefa e não permitiria que o detivessem.

O homem agarrou o dedo médio da madre Serenity e Mairin avançou rapidamente.

— Por amor de Deus, não — gritou a madre.

Mairin ignorou-a.

— Eu sou a Mairin Stuart. Agora, larga-a.

O homem largou a mão da madre e empurrou-a para trás. Fitou Mairin com interesse e deixou o olhar vaguear de forma sugestiva pelo corpo dela, para baixo e depois novamente para cima. As faces de Mairin ruborizaram-se perante aquele desrespeito evidente, mas não cedeu e fitou o homem da maneira mais desafiante que conseguiu.

Ele estalou os dedos e dois indivíduos avançaram sobre Mairin e agarraram-na antes que ela pudesse considerar fugir. Numa fração de segundo lançaram-na ao chão e puxaram-lhe o hábito pela bainha.

Ela esperneava violentamente e agitava os braços, mas não conseguia competir com a força deles. Iriam violá-la ali ou no chão da capela? Quando eles lhe puxaram a roupa acima da anca, os olhos dela encheram-se de lágrimas.

Voltaram-na sobre o lado direito e tocaram-lhe na anca, precisamente no sítio onde se encontrava a marca.

Oh, não.

Ela inclinou a cabeça para a frente e lágrimas de derrota correram-lhe pelo rosto.

— É ela — afirmou um deles, excitado.

Foi imediatamente empurrado para o lado pelo líder, que se debruçou para examinar ele próprio a marca.

Também ele lhe tocou e desenhou o contorno da insígnia real de Alexander. Com um grunhido de satisfação, agarrou-a pelo queixo e obrigou-a a olhar para ele.

O sorriso dele revoltou-a.

— Há muito tempo que andamos à tua procura, Mairin Stuart.

— Vai para o inferno — cuspiu ela.

Em vez de lhe bater, o sorriso dele abriu-se.

— Tss tss, tanta blasfémia na casa de Deus.

Pôs-se rapidamente em pé e, antes que ela conseguisse pestanejar, foi içada para o ombro de um indivíduo. Os soldados abandonaram a abadia, saindo para o ar frio da noite.

Não perderam tempo a montar os seus cavalos. Mairin foi amordaçada e, a seguir, ataram-lhe as mãos e os pés e atiraram-na para cima da montada que se encontrava à frente de um dos homens. Partiram, e o roçar dos cascos ecoou na noite silenciosa, antes de ela ter tempo para reagir. Tinham tanto de meticulosos como de cruéis.

A sela enterrava-se-lhe na barriga e ela balançou para cima e para baixo até ter a certeza de que ia vomitar. Gemeu, com receio de sufocar com a mordaça que se encontrava firmemente atada à volta da sua boca.

Quando pararam por fim, ela estava quase inconsciente. Uma mão agarrou-a pela nuca. Os dedos abraçaram facilmente a sua coluna delgada. Foi içada e largada no chão, sem cerimónias.

Ficou a tremer no ar frio e húmido, enquanto os homens montaram acampamento à volta dela. Por fim, ouviu um deles dizer:

— É melhor veres da rapariga, Finn. O lorde Cameron não vai ficar satisfeito se ela morrer de frio.

Seguiu-se um grunhido de irritação, mas, um minuto mais tarde, tinham-lhe libertado os membros e tiraram-lhe a mordaça. Finn, o líder aparente do rapto, debruçou-se sobre ela, com os olhos a reluzirem à luz da fogueira.

— Aqui ninguém te ouve se gritares e, se fizeres qualquer ruído, desloco-te o maxilar.

Ela acenou com a cabeça, confirmando que percebia, e arrastou-se até ficar direita. Ele deu-lhe umas pancadinhas nas costas com a bota e deu uma risada quando ela se virou para trás, indignada.

— Está um cobertor ao pé da fogueira. Enrola-te nele e dorme. Partimos à alvorada.

Ela enroscou-se com gratidão no aconchego do cobertor, sem se importar com as pedras e os paus que se enterravam na sua pele. Lorde Cameron. Já tinha ouvido os soldados que passavam pela abadia falarem dele. Era um homem sem escrúpulos. Ganancioso e ávido por mais poder. Corria o rumor de que tinha um dos maiores exércitos da Escócia e que era temido por David, o rei.

Malcolm, o filho bastardo de Alexander — e meio-irmão dela —, já tinha liderado uma revolta contra David, numa disputa pelo trono. Caso Malcolm e Duncan Cameron se aliassem, eles formariam uma força praticamente imparável.

Engoliu em seco e fechou os olhos. A posse de Neamh Álainn tornaria Cameron invencível. Era o *seu* legado, o único bem que herdara do pai.

Dormir era impossível, por isso permaneceu ali deitada, enrolada no cobertor, com a mão fechada sobre a cruz de madeira, a rezar por força e orientação. Alguns soldados dormiam, os outros mantinham uma vigilância apertada. Não era tola ao ponto de acreditar que lhe fosse dada a oportunidade de fugir. A verdade é que ela valia mais do que o seu peso em ouro.

Mas também não iriam matá-la, o que lhe conferia vantagem. Não tinha nada a temer se tentasse escapar, só tinha a ganhar com isso.

Passada uma hora sobre a sua vigília de oração, um tumulto atrás de si fez com que se sentasse direita, a contemplar a escuridão. À sua volta, os soldados adormecidos puseram-se em pé atabalhoadamente e seguraram nas espadas quando o grito de uma criança atravessou a noite.

Um dos homens içou uma criança, que se debatia e contorcia, para o meio do círculo que rodeava a fogueira e, sem qualquer cuidado, atirou-a para o chão. A criança agachou-se e olhou à sua volta, assustada, ao mesmo tempo que os homens se alvoroçavam numa gargalhada geral.

— O que é isto? — perguntou Finn.

— Apanhei-o a tentar roubar um dos cavalos — respondeu o captor da criança.

A raiva espelhou-se no rosto de Finn, fazendo com que se parecesse com o diabo, especialmente devido à luz da fogueira. O rapaz, que não tinha mais de sete ou oito anos, empinou o queixo para cima, em jeito de desafio, como se o tentasse a fazer o pior.

— E porquê, seu pirralhozinho insolente? — rugiu Finn.

Ele levantou a mão, mas Mairin lançou-se para a frente e pôs-se à frente da criança, recebendo um murro.

Ela vacilou mas recuperou o equilíbrio e lançou-se outra vez para a frente da criança, mantendo-o de tal forma próximo que lhe fosse possível cobri-lo ao máximo.

O rapaz debatia-se selvaticamente debaixo dela e gritava obscenidades em gaélico. Bateu com a cabeça no maxilar dorido dela e ela viu estrelas.

— Tem lá calma — disse-lhe na língua dele. — Está quieto e eu não deixo que eles te magoem.

— Sai de cima dele — rugiu Finn.

Ela apertou o cerco em torno do rapaz, que parou finalmente de espernear e de agitar os braços. Finn debruçou-se e agarrou-a pelos cabelos, puxando-a com violência para cima, mas ela recusou-se a largar o rapaz.

— Tens de me matar primeiro — replicou friamente, quando ele a obrigou a olhar para si.

Largou-lhe o cabelo a praguejar, recuou e desferiu-lhe um pontapé nas costelas. Ela curvou-se com as dores mas teve o cuidado de proteger o rapaz daquele brutamontes louco.

— Já chega, Finn — rosnou um dos homens. — O lorde quer tê-la inteira.

Ele praguejou e afastou-se.

— Ela que fique com o pedinte maltrapilho. Em breve terá de se ver livre dele.

Mairin virou o pescoço para olhar Finn nos olhos.

— Tocas no miúdo uma vez que seja e sou eu quem corta a minha garganta.

A gargalhada de Finn cortou a noite.

— Que grande *bluff*, rapariga. Se queres tentar negociar, tens de aprender a tornar-te credível.

Ela levantou-se lentamente, até ficar apenas a um passo do homem, que era muito mais corpulento. Fitou-o até os olhos dele tremeluzirem e ele desviar o olhar.

— *Bluff?* — disse ela, com calma. — Não me parece. Na verdade, se eu fosse a ti, afastava todo e qualquer objeto afiado de mim. Parece-te que eu não sei qual será o meu destino? Ir parar à cama daquele lorde bruto até que a minha barriga aloje uma criança e ele possa reclamar Neamh Álainn? Prefiro morrer.

Finn semicerrou os olhos.

— Tu és tonta.

— Sim, é capaz de ser verdade. E, nesse caso, eu ficaria preocupada que um desses objetos afiados pudesse ir alojar-se no teu peito.

Ele acenou com a mão.

— Fica com o miúdo. O lorde que se entenda contigo e com ele. Nós não costumamos tratar bem os ladrões de cavalos.

Mairin ignorou-o e voltou-se para o rapaz, que se encontrava aninhado no chão e a fitava com um misto de medo e veneração.

— Vem — disse-lhe ela com ternura. — Se nos aconchegarmos bem os dois, há cobertor que chegue para ambos.

Ele aproximou-se dela avidamente e acomodou o seu pequeno corpo junto ao dela.

— Onde fica a tua casa? — perguntou-lhe ela, enquanto ele se encostava contra si.

— Não sei. Deve ser muito longe daqui — respondeu ele, pesaroso. — Pelo menos a uns dois dias.

— Chiu — disse ela, de forma apaziguadora. — Como é que vieste aqui parar?

— Perdi-me. O meu papá disse que eu nunca devia sair da fortaleza sem os homens dele, mas eu estava cansado de ser tratado como um bebé. Eu já não sou bebé, sabes?

Ela sorriu.

— Sim, sei. E então, deixaste a fortaleza?

Ele anuiu.

— Levei um cavalo. Só era para ir até à casa do tio Alaric. Ele estava quase a regressar e eu pensei em esperar por ele perto da fronteira, para o receber.

— Fronteira?

— Das nossas terras.

— E quem é o teu papá, pequenote?

— Eu chamo-me Crispen, e não pequenote. — O descontentamento que sentia estava patente na sua voz, e ela sorriu mais uma vez.

— Crispen é um excelente nome. Continua a contar-me a tua história.

— Como é que tu te chamas? — perguntou ele.

— Mairin — respondeu ela, ternamente.

— O meu papá é o lorde Ewan McCabe.

Mairin fez um esforço para identificar aquele nome, mas havia muitos clãs que ela não conhecia. Era natural das terras altas, mas há dez longos anos que não avistava aquela terra abençoada.

— Então, tu foste ao encontro do teu tio. E o que aconteceu?

— Perdi-me — respondeu ele, pesaroso. — E depois fui encontrado por um soldado do McDonald, que queria levar-me ao seu amo para pedir um resgate por mim. Mas eu não podia permitir que isso acontecesse. Seria uma desonra para o meu papá e ele não tinha como pagar um resgate. Isso seria o fim do nosso clã.

Mairin afagou-lhe a cabeça e sentiu a respiração suave dele sobre o peito. Parecia muito mais velho do que era na realidade. E era muito orgulhoso.

— Fugi e escondi-me na carroça de um caixeiro-viajante. Ele só me encontrou ao fim de um dia. — Inclinou a cabeça para cima e voltou a chocar com o maxilar dorido dela.

— Onde é que nós estamos, Mairin? — sussurrou. — Estamos longe de casa?

— Eu não sei bem onde fica a tua casa — afirmou ela, com tristeza. — Mas estamos nas terras baixas, e eu arriscaria dizer que estamos pelo menos a dois dias de distância da tua fortaleza.

— As terras baixas — disse ele, com desdém. — Tu és das terras baixas?

Ela riu-se perante a veemência dele.

— Não, Crispen. Eu sou das terras altas.

— Nesse caso, o que fazes aqui? — insistiu ele. — Eles roubaram-te da tua casa?

— É uma longa história — suspirou ela. — Que começou antes de tu teres nascido.

Quando ele se preparava para fazer mais uma pergunta, ela silenciou-o com um abraço gentil.

— Agora dorme, Crispen. Se quisermos fugir, temos de preservar as nossas forças.

— Vamos fugir? — sussurrou ele.

— Sim, claro que vamos. É isso que fazem os prisioneiros — respondeu ela, num tom animado. O medo que a voz dele deixava transparecer fez com que sofresse por ele. Como devia ser terrível para ele, estar tão longe de casa e das pessoas que o amavam.

— Vais levar-me de volta ao meu papá? Eu garanto que ele te protege do lorde Cameron.

O tom feroz dele fê-la sorrir.

— É claro que me vou certificar de que voltas para casa.

— Prometes?

— Prometo.

— Encontrem o meu filho!

O bramido de Ewan McCabe ouviu-se por todo o pátio. Todos os seus homens ficaram atentos, com uma expressão solene. Alguns rostos enrugaram-se, numa manifestação de compaixão. Acreditavam que Crispen estaria morto, apesar de ninguém se atrever a proferir essa possibilidade diante de Ewan.

Não se tratava de uma hipótese que ele próprio não tivesse já considerado, mas não descansaria enquanto o filho não fosse encontrado, morto ou vivo.

Ewan voltou-se para os irmãos, Alaric e Caelen.

— Não posso dar-me ao luxo de mandar todos os meus homens à procura do Crispen — disse, em voz baixa. — Tal decisão deixar-nos-ia vulneráveis. Confio-vos a minha vida, a vida do meu filho. Quero que cada um de vocês conduza um contingente de homens e cavalguem em direções distintas. Tragam-mo para casa.

Alaric, o segundo mais velho dos irmãos McCabe, anuiu.

— Sabes que não descansaremos enquanto ele não for encontrado.

— Sim, eu sei — respondeu Ewan.

Ficou a vê-los afastarem-se nos cavalos e gritarem ordens aos seus homens. Fechou os olhos e cerrou os punhos, com raiva. Quem se teria atrevido a levar o seu filho? Durante três dias esperara por um pedido de resgate. Porém, não chegara nenhum. Durante três dias tinha esquadrinhado todas as terras dos McCabes e mais algumas.

Tratar-se-ia da preparação de um ataque? Estariam os inimigos a conspirar para o atingir quando estivesse enfraquecido? Quando todos os soldados estivessem envolvidos nas buscas?

Quando olhou para a sua fortaleza decadente, o seu maxilar ficou rígido. Durante oito anos tinha lutado para manter o seu clã vivo e forte. O nome McCabe sempre fora sinónimo de poder e orgulho. Oito anos antes haviam resistido a um duro ataque. Resultado da traição da mulher que Caelen amava. O pai e a jovem esposa de Ewan tinham sido mortos e o filho apenas sobrevivera por ter sido escondido por um criado.

Ao regressar com os irmãos, não restava quase nada. Apenas um enorme amontoado de ruínas, as cinzas do seu povo levadas pelo vento e o exército quase dizimado.

Não havia nada para Ewan governar quando se tornara lorde.

Demorara todo aquele tempo a reconstruir tudo. Os soldados dele eram os mais bem treinados das terras altas. Ele e os irmãos tinham trabalhado horas a fio para garantir que havia comida para os velhos, os doentes, as mulheres e as crianças. Muitas vezes os homens tinham passado necessidades. E tinham crescido em silêncio, aumentando em quantidade até que, por fim, Ewan começara a inverter a situação para o seu clã lutador.

Em breve, os seus pensamentos poderiam tornar-se de vingança. Não, isso não era exato. Fora a vingança que o fizera aguentar os últimos oito anos. Não passara um único dia em que ele *não tivesse* pensado nisso.

— Lorde, trago notícias do seu filho.

Ewan voltou-se rapidamente e viu um dos seus soldados a apressar-se na sua direção. Tinha a túnica empoeirada, como se tivesse acabado de descer do cavalo.

— Fala — ordenou-lhe.

— Um dos homens do McDonald encontrou-o há três dias na fronteira a norte das suas terras. Levou-o com a intenção de o entregar ao amo dele, para que ele pudesse pedir um resgate pelo rapaz. Só que o miúdo fugiu. Desde então, mais ninguém o viu.

Ewan estremeceu de raiva.

— Leva oito soldados e vai ter com o McDonald. Leva-lhe a seguinte mensagem. Ele que entregue o soldado que levou o meu filho à porta da minha fortaleza, ou estará a assinar a sua própria sentença de morte. Se não cumprir, eu próprio irei no seu encalço. Matá-lo-ei. E não serei rápido. Não te esqueças de uma única palavra.

O soldado fez uma vénia.

— Sim, senhor.

Virou-se e saiu apressadamente, deixando Ewan com um misto de alívio e raiva. Crispem estava vivo ou, pelo menos, tinha estado. McDonald fora insensato por quebrar o seu acordo tácito de paz. Apesar de os dois clãs não poderem considerar-se aliados, McDonald não era assim tão idiota para incitar a ira de Ewan McCabe. A fortaleza dele podia estar em ruínas e o seu clã podia estar mal alimentado, mas a força dele fora duplicada.

Os soldados dele eram uma força mortal e lutadora a ter em conta e quem se encontrava junto das suas terras tinha essa noção. Contudo, os olhos de Ewan não estavam postos nos seus vizinhos mas em Duncan Cameron. Ewan não ficaria satisfeito enquanto o sangue dele não se espalhasse sobre toda a Escócia.